

Roedores proliferam em áreas pobres da cidade. Surto de *leishmaniose* preocupa agentes sanitários, que alertam a população para não acumular entulhos e restos de comida

## Invasão de ratos em São Sebastião assusta os moradores

DA REDAÇÃO

São Sebastião ocupa uma preocupante posição no ranking da saúde pública do Distrito Federal. A cidade é a única com *leishmaniose* autóctone (surgido no próprio local), a segunda em casos de dengue e a quarta nas estatísticas de pessoas vítimas de mordidas de ratos. Desde a semana passada, autoridades de saúde estão nas ruas com campanhas de conscientização para alertar os mais de 64 mil moradores dos perigos de cada uma dessas doenças e como acabar com os roedores.

De janeiro a novembro deste ano, o Núcleo de Animais Sinantrópicos, da Secretaria de Saúde, já registrou 10 casos de pessoas mordidas por ratos. A situação só é pior no Riacho Fundo, quando se compara o número de casos por 100 mil habitantes. São Sebastião aparece com 15,5 mordidas/habitante, enquanto Riacho Fundo apresenta proporção de 16,9, ou seja, foram 7 casos este ano.

Há dois meses, a casa de Auzelaine Aguiar da Silva, seus três filhos e três sobrinhos, tornou-se também morada de ratazanas. No pequeno barraco de madeirite na quadra 301, que fica numa rua sem asfalto e com terrenos baldios e matos, os roedores defecam e urinam nas roupas das crianças, escondem-se debaixo de armários e, à noite, atacam as crianças. Três delas já foram mordidas.

Na madrugada de segunda-feira, Juliana da Silva Alves, 5 anos, sobrinha de Auzelaine, acordou aos berros, às 2h15, com o dedo indicador direito coberto de sangue. No sábado, Mateus da Silva Alves, irmão de Juliana, teve o dedo médio direito mordido e, duas semanas atrás, o filho mais novo de Auzelaine, Jéferson Aguiar Almeida, de um mês e meio, foi mordido no pé. “Se continuar desse jeito, vão morder todos”, desespera-se a dona-de-casa, que mora no local há dois anos.

Apesar da proliferação dos ratos, não há registro de *leptospirose* em São Sebastião desde 2001 (*leia quadro*). A doença é transmitida pela urina dos ratos e, no começo, os sintomas são parecidos com os da gripe. Mas depois evolui para inflamação generalizada e atinge os vasos sanguíneos de todos os órgãos, principalmente pulmões, intestinos e coração. A pessoa infectada precisa de internação, porque a doença pode matar.

Os roedores só se proliferam quando encontram condições favoráveis: restos de alimento e entulhos que transformam em abrigo. “Quanto maior a quantidade de comida disponível, maior será o número de ratos”, explica Miriam dos Santos Anjos, diretora da Divisão de Vigilância Ambiental da Secretaria de Saúde. O combate ao roedor só funciona se a pessoa quebrar o ciclo reprodutivo dele.